

## A PRINCESA DE CLÈVES E CAETÉS: INTERSECÇÕES

Michele Giacomet\*

A sucessão das obras literárias romanescas, ao longo da história da literatura, tem sua estruturação a partir de elementos de assimilação e/ou oposição e tentativa de reconstrução. A revisão e negação dos antigos paradigmas e a tentativa de reconstrução de novos moldes, sempre em relação aos anteriores, é que possibilita a renovação do gênero.

*Caetés* (1933), obra de Graciliano Ramos e *A princesa de Clèves*, romance francês do Século XVII, de Madame de Lafayette, embora distanciados temporalmente, são narrativas que romperam com paradigmas de seu tempo e promoveram a renovação do gênero romanescos. Nesse sentido, se distanciam, mas também se aproximam. Essa análise consistirá em estabelecer pontos/elementos de intersecção, nas referidas obras, por meio de repetições.

Segundo Tzvetan Todorov, em seu artigo “Análise estrutural da narrativa”, presente na obra *As estruturas da narrativa*, toda obra literária apresenta, de certa forma, repetições. Uma das formas de repetição é o paralelismo. O paralelismo é concebido a partir da evidência de pelo menos duas seqüências que apresentam componentes semelhantes e díspares presentes na obra literária. Além do paralelismo, a gradação também pode ser concebida como uma sorte de repetição. É a consequência natural dos fatos que a antecedem. As repetições dizem respeito também às antíteses, que são elementos de oposição presentes internamente nas obras literárias ou em relação a outras obras.

Dessa forma, podemos inferir que a repetição por antítese se apresenta nas duas obras em estudo, no que concerne às relações amorosas estabelecidas, segundo a fórmula: ‘A é casado com B e tem um amante C’. Em *A princesa de Clèves* vários casais da corte são casados e têm amantes, a princesa de Clèves não. A princesa é casada com o Príncipe de Clèves, mas não se envolve fisicamente com o Duque de Nemours, mesmo que se sinta atraída amorosamente por ele, enquanto que em *Caetés*, Luísa é casada com Adrião e tem

---

\* Doutora em Letras e Linguística/Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Professora da Unifan/ Faculdade Alfredo Nasser.

por amante João Valério. Estes se envolvem física e emocionalmente. Para a princesa de Clèves, a fidelidade refere-se também ao corpo, mas é, sobretudo, da alma.

Contudo, os dois romances apresentam paralelismo estabelecido por semelhança, ou seja, certa proximidade, para com os moldes da tragédia de Racine, que concebe a paixão como um destino fatal. Fato que pode ser verificado nas duas obras em análise. Nesse caso a repetição se dá por meio da gradação, os acontecimentos evoluem e o desenlace é inevitável. É uma “scène à faire”, ou seja, tem que acontecer. Os dois casais, Luísa e João Valério, bem como a princesa de Clèves e o Duque de Nemours, têm como final o afastamento trágico e definitivo. Os dois protagonistas (a princesa de Clèves e João Valério) perdem seus cônjuges de morte fulminante, ocasionada pela descoberta da traição (Adrião descobre a traição de Luísa através da carta anônima), ou verificação do amor (a princesa confessa ao marido).

No entanto, a repetição efetua-se, de forma antitética, quanto ao modo narrativo presente nas narrativas. João Valério narra a própria história, no entanto em *A princesa de Clèves* vemos a impossibilidade de uma narração em primeira pessoa. Portanto, a focalização é onisciente. Para a princesa ser é igual a parecer e a narrativa propõe o distanciamento entre o ser e a aparência. Já em *Caetés* personagem protagonista e a narrativa partilham do distanciamento entre ser e aparência.

O personagem-escritor, em *Caetés*, norteia a narrativa. O narrador é o protagonista. Portanto, a atitude narrativa assumida caracteriza, segundo Gerard Genette, o narrador autodiegético, ou seja, o narrador é o responsável pelo relato dos fatos. A princesa participa da história como protagonista, todavia não assume a voz narrativa.

O aspecto paralelístico pode ser detectado a partir da caracterização dos personagens em *A princesa de Clèves*. Percebemos como a caracterização dos personagens quanto à polidez, aos bons modos, ao respeito à conveniência e à discrição colaboram para com a descrição de uma sociedade em que a ‘aparência é essencial’. A “bienséance” se faz presente por toda a parte na narrativa. Essa caracterização faz com que o caráter idôneo da princesa seja colocado em relevo, já que ela destoa dos demais. Paradoxalmente, essa ambientação, ou melhor, caracterização da sociedade da época, é que empresta verossimilhança à personagem e suas atitudes.

Em oposição (repetição por contraste/ distanciamento) ao romance supra-citado, um fato que não poderíamos deixar de mencionar é a ligação do título do romance de Graciliano Ramos, *Caetés*, com o tema do romance do personagem-escritor, - que se refere aos índios *Caetés*, considerados ferozes, brutos e antropófagos. Os demais personagens da narrativa, inclusive João Valério, são considerados civilizados e educados. João Valério, ao final da narrativa, compara-se, e por extensão compara o homem civilizado a um índio *Caeté*, logo, a um selvagem. Portanto, os protagonistas de *Caetés* e de *A princesa de Clèves* se opõem quanto aos modos e o caráter.

O contraste selvagem x civilizado, presente em *Caetés*, é que desencadeia a reflexão tanto sobre a sociedade dita civilizada, quanto sobre a sociedade dita primitiva e selvagem; uma e outra é questionada. O protagonista critica não só uma sociedade passada, mas a de sua própria época; parte de uma reflexão social para culminar em uma reflexão existencial apresentada no final do romance. Embora sejam personagens antagônicos, o paralelismo pode ser estabelecido por aproximação, visto que *A princesa de Clèves* também possibilita uma reflexão social, - estabelecida pelo contraste entre a personagem e a sociedade na qual está inserida -, bem como uma reflexão existencial - da personagem que dá nome ao romance.

Por outro lado, podemos inferir que o processo de repetição antitético está presente nas obras em análise no que tange a utilização que fazem dos fatos históricos, ou seja, de que forma o fato histórico é utilizado como procedimento nas narrativas, bem como as conseqüências advindas de sua utilização. Enquanto em *A princesa de Clèves* temos a invenção de uma história em meio a fatos reais (a princesa é a única personagem fictícia em meio a personagens que existiram de fato na História), em *Caetés* contamos com a inserção da História por meio de um personagem-escritor (que almeja escrever um romance histórico).

O romance de Graciliano busca, na problematização da feitura do romance histórico, o alicerce que deflagra a crítica no que concerne a este tipo de romance. Seu alvo, ou melhor, seu objeto não é o resgate do fato histórico. A nosso ver, o fato histórico, em *Caetés*, é utilizado como estratégia pelo autor Graciliano Ramos para expor seu ponto de vista acerca do romance histórico; ele apropria-se da História oficial não para recriá-la, ainda que literariamente, mas para questionar aspectos diversos do romance histórico.

Dessa forma, o personagem-escritor de *Caetés* converte-se em instrumento desta especulação: ele invade a História e dialoga com ela.

Assinalamos, assim, mais um paralelo estabelecido entre as obras. Em *A princesa de Clèves* não contamos com a problematização histórica e nem tampouco há um romance histórico sendo escrito e questionado pela personagem protagonista ou por outros personagens presentes na narrativa. A História serve para ambientar o romance de Madame de Lafayette. No entanto, tal fato não impede que a História, por meio da sociedade apresentada, seja questionada. Em literatura nada é aleatório, o fato de inserção do elemento já é um indício de que a autora da narrativa pretendia colocá-la em questão.

Em *A princesa de Clèves*, a presença dos personagens históricos empresta certa “autoridade” à narrativa, ou seja, os vultos históricos acarretam, necessariamente, certo distanciamento. No entanto, a princesa constitui uma personagem, a única, que não faz parte, efetivamente, da História. Portanto, a repetição referente às obras pode ser estabelecida por meio do paralelismo, tanto por aproximação, quanto por oposição: embora não seja uma personagem-escritora e nem desenvolva a crítica do processo de escrita de um romance histórico, a personagem (ficcional) converte-se em portadora dos questionamentos sociais em questão: a sociedade francesa no reinado de Henrique II.

Assim, o questionamento não só da História, mas também do romance histórico tradicional, nessas narrativas literárias, percorre o caminho da diluição – a dimensão histórica cede lugar e é assimilada pela ficção e pelos elementos romanescos. História e discurso interagem, são colocados em questão, embora diferentemente. Estabelece-se mais um paralelismo. Os elementos de intersecção presentes em *A princesa de Clèves* e *Caetés* possibilitam um elo, seja por contraste, seja por aproximação, que estabelece relações, percorre a tradição romanesca e permite a renovação do gênero.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

\_\_\_\_\_. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BOURNEUF, R. & OUELLET, R. **O universo do romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.

DÄLLENBACH, Lucien. **Le récit spéculaire**. Paris: Seuil, 1977.

GENETTE, Gerard. **Discurso da narrativa**. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

GODOY, Heleno. **O processo de repetição em Flaubert**. *Estud. Goiânia*, 12(2): 131-132, abr./jun. 1985.

KOSELLECK, Reinhart. História conceptual e História Social. In: **Futuro pasado para uma semântica de los tiempos históricos**. Barcelona: Paidós, 1992. p. 105-126.

LAFAYETTE, Madame de. **A princesa de Clèves**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Record, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. 24 ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

TODOROV, Tzvetan. A análise estrutural da narrativa. In: **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.